

O POVO DE AVEIRO

FOLHA DO POVO E PARA O POVO

PREÇO DAS ASSIGNATURAS

EM AVEIRO—ANNO 50 (NUMEROS) 1\$000 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 500 RS.
FORA D'AVEIRO—ANNO (50 NUMEROS) 1\$125 RS., SEMESTRE (25 NUMEROS) 570 RS.
BRAZIL, (MOEDA FORTE) E AFRICA ORIENTAL.. 2\$000 RS.

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**AS ASSIGNATURAS DEVEM SER PAGAS ADIANTADAS****PREÇO DAS PUBLICAÇÕES**

NA SECÇÃO DOS ANUNCIOS—CADA LINHA 15 RS.
NO CORPO DO JORNAL—CADA LINHA 20 RS.
NUMERO AVULSO 20 RS., CU 100 RS. NO BRAZIL.
REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ALFANDEGA, NUMERO 7.

AVEIRO**A FUNDO**

SOBRE OS

REPUBLICANACEOS

Deixaram o partido á tóa, deixaram o partido abandonado, desalentaram muitos republicanos, repelleram outros tantos, praticaram tolices por todos os lados, fizeram na incapacidade e na asneira o diabo a quatro e ainda assim, se ultimamente perdemos terreno em Lisboa porque o corpo eleitoral da capital se resentiu de tanta inhabilidade, é inconteste que as eleições d'este anno confirmaram o resultado eleitoral anterior, isto é, que no paiz ha uma grande força democratica e que a ideia republicana cria raizes profundas na cidade, na aldeia, no ultimo burgo. O sr. Jacintho Nunes não sahiu deputado, nem o sr. Theophilo Braga, nem o sr. Bernardino Pinheiro? Pois queixem-se de si. Trabalhassem com mais tacto, com mais energia, com mais dedicação, que pelo menos o poderia satisfazer as suas ambições pessoais e dar, pelo triumpho, maior prestigio ao partido republicano. Percorressem o paiz n'uma cruzada valente e propozessem o maximo dois deputados d'accumulação. E veriam como o resultado era diferente d'aquelle que foi.

O que estes homens teem, não cessaremos de o repetir, é todos os defeitos e vícios dos homens monarchicos. Julgam que nos levantam e honram, a nós os soldados, a nós a plebe, com a sua participação no movimento democratico. E então, ai de nós se ouzamos desrespeita-los um segundo que seja! E então tudo que nós lhe damos é pouco e tudo que elles nos dão é generosidade e favor!

Nós andamos aqui na provincia, porque é preciso que os conventiculos da capital se convençam, esses conventiculos em que a calunnia manda e a intriga faz lei, de que não ha comparação entre os nossos sacrificios e os sacrificios d'elles, n'uma lucta terrível para sustentar a ideia e os principios republicanos. Nós somos perseguidos, nós somos prejudicados immenso nos nossos interesses e entretanto nunca recuamos perante o menor obstaculo. Nós vamos á Lisboa assistir aos congressos, aos janfates politicos, a todas as manifestações, enfim, em que os chefes reclamam o nosso concurso. Mas se precisamos d'elles por qualquer circumstancia, se lhe lembramos a necessidade da sua presença para o bom exito de qualquer trabalho politico, é certo que raramente apparecem, embora tenham a certeza de que só pagarão a passagem, porque todas as outras despesas lhe fazem as localidades d'onde os chamam.

Lá vaem ou outro aqui e alli,

muito perto do centro onde vivem, e isso mesmo de tres em tres annos ou mais. No geral fecham os ouvidos a todas as reclamações, a todas as supplicas, porque lhe chegam a supplicar a presença, e, ou não respondem, ou respondem com frieza e ar contrariado de grandes senhores. Não inventamos; todos os republicanos o sabem.

Nós tudo; elles nada. Nós somos a plebe; elles são os senhores. Nós temos bolsa para todas as despesas e costas largas para todos os sacrificios. Elles teem barriga para todas as commodidades e desdem para a ralé que trabalha.

Os nossos jornaes custam-nos muito desgosto, muitas difficuldades e ás vezes bastante dinheiro. Para os dirigentes, todos bem collocados e altamente estipendiados, não seria sacrificio nenhum pagar duas, tres, ou quatro assignaturas de jornaes semanais e baratos, que semanais e baratissimos são todos os periodicos republicanos do paiz tirando Lisboa e Porto. Deviam mesmo paga-las, já que esses jornaes, é sabido, luctam com difficuldades enormes para sustentar e propagar no paiz os principios republicanos. Pois são os maiores e peiores dos caloteiros relapsos. Pelo menos, foram-no com o Povo de Aveiro, não no tempo em que o Povo de Aveiro os principiou combatendo, que então não seria de admirar, mas no tempo em que o Povo de Aveiro, ainda com os olhos fechados, estava na melhor confraternidade e na mais doce harmonia com elles. Aqui temos na cabeça do rol dos maiores caloteiros, primeiros no tempo e na ordem numerica, os srs. Consiglieri Pedroso, Souza Brandão e Bernardino Pinheiro. Tal qual como o sr. Theophilo Braga a subscrever com dois tostões para a greve dos manipuladores de tabaco, e o competente discurso contra as greves, em tempos que lá vão, sem esquecer que alguns dos operarios grevistas tinham perdido dias de trabalho a tratar-lhe da eleição por Alfama!

Deus nos livre de sermos levados aos tribunaes por processos politicos. Os dirigentes são advogados, mas, ou não nos querem tomar a defeza, ou, se a tomam, fazem-se pagar como advogados d'alto cothurno sem a menor attenção pela natureza do processo ou pela qualidade dos reus. Ha muitos exemplos que poderíamos citar com factos, nomes e datas. Mas não é preciso, porque a verdade da accusação está na consciencia de todos, e as excepções a essa regra geral são tão raras e poucas que não alteram o fundamento do que fica escripto.

E depois, se algum republicano de ativez e caracter se ergue contra isso e fulmina os especuladores, é discolor, é indisciplinado, é vendido ao governo. Cuidado não tocar n'esses senhores de baração, cutello e feudo!

Porque o Povo de Aveiro sustentou os bons principios na questão jesuitica, o Seculo deixou de trocar

com o Povo de Aveiro! Porque o Povo de Aveiro fulminou o directorio, e o sr. Magalhães Lima com especialidade, na celebre alhada de 14 de Julho, em que partido conscio da sua missão correria a pontapés directorio e Seculo, tão tolos, tão inlignos de dirigir um partido que o encheram de ridiculo e troga na famosa representação dos Recreios, não houve intriga nem difficuldade que os dirigentes não procurassem mover-nos. E o mesmo com a Provincia do Algarve! E o mesmo com qualquer jornal, individual ou collectividade que, o mais mansamente que fosse, desapprovasse ou censurasse os actos do directorio!

Elles são os senhores, nós somos os escravos. Elles não andam n'isto de confraternidade conosco. Andam para servir as suas vaidades, os seus negocios ou a sua personalidade. Fazem-nos favor, honram-nos com a sua presença. Teem dó da plebe. E então o futuro do partido republicano, o destino da democracia portugueza ha de ser o que elles quizerem. Não viram que certo correspondente de jornal de provincia deu como razão maxima da excellencia da proposta Jacintho o ella ser defendida no seio do congresso pelos homens mais illustres do partido, isto é, pelo directorio? Defendeu-a o sr. Jacintho Nunes, o sr. Theophilo Braga, o sr. Consiglieri Pedroso, o sr. Elias Garcia? Combateu-a um sapateiro ou um carpinteiro? Então a proposta era boa. O carpinteiro podia ter muita intelligencia e muito caracter, e para aquillo bastava o caracter, que por menos intelligente que fosse qualquer congressista não lhe era difficil perceber a proposta. Mas no fundo era carpinteiro. E então vence o sr. Theophilo Braga, que é doutor!

E não ha quem se peje de escrever sandices de tal natureza.

E eis tudo. Os sacrificios todos temo-los feito nós, a plebe. Nós gastamos dinheiro, nós comprometemos situações delicadas, nós concorremos para tudo quanto nos pedem a bem da causa republicana, nós vamos para a cadeia sem os minos, os presentes e a apothese que teve o sr. Magalhães Lima, nós vamos para o outro mundo quando nas eleições protestamos contra fraudes sem nome e nós levamos taponas de cego quando não deixamos a monarchia fazer o que quer. Elles, dirigentes, hoje berram pela evolução, amanhã berram pela revolução e no dia seguinte berram pelo Barjona. Elles não dão um passo para nos socorrer, todas as vezes que nos vemos em perigo. Elles fazem propaganda na crapula, no vicio, na taberna até cahirem ás portas da morte, ou caçando perdizes nas suas propriedades, em lugar de a virem fazer no meio dos provincianos. Elles vão para o theatro dos Recreios encher de ridiculo e mofa o partido inteiro. Elles promettem nos seus jornaes manifestações que não se realisam e instituições que nunca se criam. Elles demonstram a cada passo

no parlamento, e nos jornaes que dirigem, ou a falta de convicções, ou a mais chapada ignorancia sobre as reformas a realisar na vida nacional. Elles encerram comicios quando a policia manda. Elles não sabem dirigir eleições. Elles poem de parte os republicanos que não lhe agradam. Elles fazem quando querem accordos e contractos com o governo. Elles nem as actas escrevem das sessões do directorio. Elles andam á bulha uns com os outros, ralados de despeitos e odios. E no fim são insufficientes os processos empregados e apertada a situação do partido republicano e quem tem a culpa é a plebe que não quer acceitar da monarchia, d'aquella monarchia que elles disseram mil vezes deturpar as melhores intenções, ludibriar a melhor boa fé e espesinhar e torcer as concessões liberaes que nos faz na hora do perigo ou na hora em que lhe convenem, processos que a salvem e situações que a desaparetem.

Mas não importa. Os povos teem os governos que merecem. Cantaste, cigarra? Pois agora dança.

O *Diario Popular* escreveu que o sr. Augusto Pinto de Moraes Sarmento, o coronel mais antigo da arma de cavallaria, estava já preterido pelos generaes d'infanteria Domingos José Gomes, Vasco Guedes de Carvalho e Menezes e José da Rosa. Mostramos ao *Diario Popular* que dissera tollice, por isso que nem o termo militar preterir tinha cabida nenhuma no caso em questão, nem ao menos era certo que o coronel Sarmento de cavallaria fosse official mais antigo que os citados officiaes de infanteria.

O *Diario Popular* escreveu que a cavallaria toda estava preterida do major Garcez para baixo. Mostramos ao *Diario Popular* que não sabia o que estava dizendo, por isso que o major Garcez levava cinco annos d'avance na promoção sobre alguns maiores d'infanteria; por isso que o capitão Antonio José de Barros Vianna, não sendo dos primeiros do seu curso, percorrera em muito menos tempo os postos subalternos que o capitão Augusto d'Arzila Fonseca, aluno premiado na Escola do Exercito; por isso que nem a infanteria nem o paiz tinham a responsabilidade da falta de previsão e de senso d'essa chusma d'alferes graduados que invadiram a cavallaria.

O *Diario Popular* escreveu que os officiaes de cavallaria iam representar ás camaras contra esse estado de coisas e contra o facto de não terem representante no ministerio da guerra. Mostramos ao orgão do sr. ministro da fazenda que mal fazia em levar a questão para esse lado, porque não conseguia outra coisa senão mostrar que o espirito dominante no exercito é um espirito d'egoismo grosseiro, d'inveja, de soffreguidão, já que um seu redactor era o primeiro a vir lançar para o publico que as repartições do ministerio da guerra eram conven-

ticulos d'interesses mesquinhos em logar d'instituições d'interesse geral e que uma arma qualquer não queria tolerar as vantagens accidentaes e passageiras da outra, sem que lhe fossem extensivas tambem.

Que replicou a isto o *Diario Popular*? Nada, absolutamente nada que tenha valor. Quiz fugir pela tangente abstracta e vaga de lhe provarmos que tinhamos cavallaria de mais e chamou-nos aspirante a Carnot. Ora factos contestam-se com factos. Depois das afirmações cathoricas do *Diario Popular*, o *Diario Popular* não tinha senão que responder com contraallegações positivas á argumentação com que lh'as combatemos. Tudo, que não fosse isso, seriam evasivas de quem não tem a razão por o seu lado.

Sem duvida que todas as armas teem o direito de pedir o seu aperfeiçoamento e o seu desenvolvimento. Mas o que nenhuma tem é o direito de confundir os quadros das outras. Pega a cavallaria o que fór regular e o que fór justo, que terá os applausos de todos. Mas não venha dizer que é preterida pela infanteria, nem fazer a exigencia ridicula de pôr as suas promoções em dia e a par com as promoções da arma d'infanteria. Hoje as promoções da infanteria são mais acceleradas que as da cavallaria, como foram hontem mais atrasadas, como o serão outra vez amanhã. O que o ministro da guerra tem que vigiar é que harmonisar, é que não haja escandalos e favoritismos para accelerar aqui e atrasar acolá. De resto, dentro dos respectivos quadros ha contingencias e circumstancias inevitaveis, que poderão fazer com que n'um, dois ou tres annos, uma arma avance mais que a outra. E' o que se deu hontem e é o que se dá hoje entre a infanteria e a cavallaria.

Emquanto ao mais, já lhe provamos que nem os generaes, nem os coroneis, nem os tenentes coroneis, nem os maiores, nem os capitães de cavallaria vão atrasados em relação aos d'infanteria. Se o vão os alferes, queixem-se estes da sua falta de tino ou do favoritismo com que lhe permittiram que frequentassem em numero consideravel o curso de cavallaria na escola do exercito. Em dezembro de 1876, não contando com os que já tenham morrido, sahiram 19 alferes graduados de cavallaria da Escola do Exercito e 49 de infanteria, ou um e meio para cada regimento de infanteria e dois e meio para cavallaria. Em dezembro de 1877, 21 de cavallaria e 41 d'infanteria ou menos de um e meio por regimento d'infanteria e mais de dois e meio por cavallaria. Em janeiro de 79, 15 e 42 ou mais de um e meio para menos d'um e meio. Em 80, 13 e 33, ou mais d'um e meio para pouquissimo mais do que um. Em 81, 21 e 39, que dá a proporção anterior, sempre contra a cavallaria. Então que culpa tem a infanteria da má promoção dos alferes e tenentes de cavallaria, e da má promoção dos seus futuros capitães, major-

res, tenentes coroneis e coroneis? Quem ha de pagar as levandades d'esses moços que olharam mais para as esporas e para os vermelhos da farda, do que para as suas conveniencias e necessidades? Que responsabilidade tem o paiz n'isso? Quem corre de gosto não cança. Se nem esses rapazes, nem seus paes e tutores, nem um ministro previdente olharam por elles, elles que paguem, tenham paciencia, os erros praticados. Quem os não jê de pagar é a grande massa trabalhadora e productora do paiz. Bastam-lhe já os sacrificios do exercito permanente com uma vida regular e normal, quanto mais irregular, quanto mais anormal. E postos esses factos incontestaveis, só um individuo cego pelo egoismo e pela soffreguidão pode estranhar a promoção da infantaria e argumentar com ella para uma promoção igual na cavallaria.

Não nos move nenhuma animosidade contra a cavallaria. Ao contrario tem todas as nossas sympathias, nem ella tem culpa das imprudencias de qualquer articulista. Que trabalhe pelo seu aperfeiçoamento, que seja muito feliz, mas que deixe a infantaria em paz.

Por ultimo, termos cavallaria de mais ou de menos é questão abstracta e vaga, onde o articulista quer devaneiar para fugir ao beco em que se meteu. Pois não ha de fugir, porque a questão principal não é essa e foi sempre costume partir-se do primario para o que é secundario. Entretanto, sendo na Austria a proporção da cavallaria para a infantaria de 1 para 10, na Alemanha de 1 para 9, na Italia de 1 para 12 e na França de 1 para 8, Portugal, limitado á defensiva, com condições orographicas mais difficéis para a cavallaria de que alguns d'aquelles paizes, se não tem cavallaria de mais, tem pelo menos cavallaria bastante. A proporção da cavallaria para a infantaria no nosso paiz nunca deve ser inferior a 1-10. E não o será?

Arma de guerra de primeira ordem, barata, simples, decisiva, para todos os terrenos e para todos os casos e para todas as horas, offensiva e defensiva, a infantaria é sem duvida a 1.^a arma de combate e portanto a que merece mais disvelos e attentões dos governos. E' inutil a cavallaria? Não; mas simples auxiliar, simples auxiliar se deve manter para todos os effeitos. Com muita infantaria, nada se perde. Com muita cavallaria perde-se por todos os lados. Comparativamente, temos mais cavallaria que outros paizes da Europa mais guerreiros que nós. Pelo lado das necessidades nacionaes, se não temos muita olhem que tambem não é pouca. E então não gritem contra as vantagens da infantaria, nem lhe invejem progressos, que bem podem ir buscar lá e vir tosquiados.

O *Diario Popular*, que se arvorou em seu combatente, já viu que não foi muito feliz ás primeiras respostas.

A PENA DE MORTE

Continuemos castigando a phylaxia imprudente e mais falta de virtudes que concorrem na pessoa do sr. José Carvi. E ao mesmo tempo chegaremos mais uma duzia d'acotes a essa barbeirada jornalística conhecida de Spencer, uma barbeirada atrevida e asnatica que nem tem a consciencia das convicções que apregoa, nem sciencia para fugir das asneiras que pratica, nem talento para encobrir ou *sophismar* os disparates em que lhe vão á mão.

Quiz auctoridades, sr. José Carvi? Pois então vá ouvindo auctoridades.

Salvatori Tommasi, professor da Universidade de Napoles e muito considerado entre os homens de sciencia, justificando

n'uma carta ao eminente Moleschott os motivos porque não assistia ao congresso d'anthropologia, escrevia, entre outras cousas, o seguinte:

«Em todos os casos o delicto é um facto contra a natureza, é um attentado ás leis immortaes que regem a Historia e a Humanidade. E no ciclo da Historia não cabem aquelles que de humano só tem o typo, para não serem em tudo semelhantes á panthera e ao tigre. Pois não de ser essas leis immutaveis perturbadas pela contemplação com meia duzia d'assassinos?»

Eis, meu caro Moleschott, qual é o meu credo. Não sei se te persuadi, ou por outra se és da minha opinião. Eu invoco com muito mais amor n'estes casos um Deus inexoravel que um Deus misericordioso. Entendo que aquelle que, por qualquer motivo, tenta romper as leis da natureza e da humanidade, não tem mais direito a viver nem a permanecer dentro d'ella.»

Moleschott respondeu: «As tuas palavras são reverenciadas no congresso, que se recorda com gratidão e illimitada deferencia dos teus trabalhos para a solução d'importantes problemas d'anthropologia. Ficarias contente com elle se tivesses assistido ás suas sessões. O congresso preocupou-se mais com a defeza da sociedade que com a commiserção pelos delinquentes. A sociedade constitue um verdadeiro organismo. O delinquente assemelha-se a um membro nocivo, que é necessario cortar para que o organismo possa viver. De resto, agradeço-te com o coração cheio de reverente amizade, o teus julgado que tu e eu não podiamos deixar de nos entender em questões tão graves e palpitanes para a sciencia como para o bem da humanidade.»

Ahi tem, sr. José Carvi, ahi tendes vós todos *comistas*, como duas eminencias scientificas, como duas eminencias scientificas acceitam e justificam a pena de morte! Vede como pensam os que sabem, os que estudam e os que trabalham!

Mas é pouco ainda. Ouçamos mais, que não falta que ouvir.

O congressista Garofalo, no meio dos maiores applausos, combate vivamente no seio do congresso a escola classica, que, por um sentimentalismo ridiculo, estava levando n'aquella occasião o parlamento italiano a introduzir no codigo penal alterações, que o suavizavam a ponto de acabar com o degredo perpetuo. (Tal qual como o codigo penal portuguez. Se é obra da mesma escola ou dos mesmos ignorantes!)

«O que é grave, são as modificações feitas ao codigo sardo, pelas quaes quasi que se aboliram os meios d'*eliminatio absoluta*. Já não falo sómente da pena de morte, que, se não é admitida unanimemente entre nós, nenhum de nós, pelo menos, deixará de lamentar a imprudencia da sua abolição nas condições presentes da nossa criminalidade.»

Reparem bem. Nenhum de nós deixará de lamentar a imprudencia da sua abolição! E tanto aquillo era a approximação da verdade, que n'aquelle gremio das maiores capacidades europeas só um congressista se ergueu a afastar a responsabilidade que a todos tocava com as afirmações categoricas de Garofalo. Podia theoreticamente um ou outro não acceitar a pena de morte. Mas praticamente, como disse Garofalo, nenhum deixava de reconhecer a necessidade d'esse meio extremo.

Decididamente, cada vez se enche mais de ridiculo a *erudição dos sabios* e as *conclusões definitivas da sciencia* a que se referiu o chefe da escola da rua do Arsenal. Barbeiros basofias! Sucia de ignorantes, com fumaças de doutores!

O classico que se ergueu a defender o sentimentalismo, preferindo verdadeiros absurdos scienciaes, logo o con-

gresso o corrigiu e lhe repeliu a choradeira bombastica de phrases retumbantes de humanitarismo, pela bocca d'auctoridades taes como Ferri, Moleschott, Lombroso e Benedikt. Angelo Muratori declara estar de perfeito accordo com Garofalo e acrescenta: «o projecto do novo codigo penal italiano está em perfeita contradicção com os principios da sciencia positiva.»

Porém Garofalo não se ficou por alli. Replicando, exclamou, com *applausos* da assembleia, diz a acta que temos á vista: «Estamos collocados sob um ponto de vista puramente scientifico. Eu não sei como possam combater a pena de morte os que adheriram aos principios da nova escola. Seria estranho que uma doutrina, que reconhece a necessidade d'eliminar uma classe de criminosos insusceptiveis d'adaptação á vida social, viesse declarar que não é admissivel o meio supremo d'eliminatio. Seria renegar todas as nossas ideias sobre as classes anthropologicas dos criminosos e voltar á theoria da emenda pela escola correcionalista. Eu comprehendo a opposição á pena de morte por parte dos que vêem no criminoso um homem capaz de arrependimento e remorso. Não a posso comprehender por parte dos que sustentam a existencia do criminoso instinctivo ou nato. Sejam, pois, logicos e não nos deixemos influenciar por considerações d'ordem inferior, quando se trata de deixar intactos os principios que são a razão de ser da nossa doutrina.»

Morello associa-se a estas palavras. Venturi levanta-se e diz: «A reclusão perpetua não satisfaz. Quando em boa consciencia e nos limites da justiça se estabelecer a necessidade da eliminatio perpetua d'um individuo prejudicial, só na sua morte está a garantia absoluta e a mais efficaz da segurança social. A pena de morte é o unico meio seguro de defeza; e não se pode reconhecer á sociedade offendida e ameaçada pelo culpado o dever de subvencionar a conservação de quem a offende, por despesas que poderiam ser muito mais utilmente empregadas em instituições d'interesse geral ou em alliviar pessoas perseguidas pela adversidade.»

Bem que, como nós o temos dicto, o fim da pena seja defensivo para a sociedade e educativo para o individuo, a escola de anthropologia criminal não deve esquecer a influencia que a pena infligida exerce como exemplo n'outros membros da sociedade, que lhe consideram a vergonha e a dôr como uma punição. Mesmo negando o livre arbitrio, não se pode negar a efficacia do exemplo sobre a educação dos individuos. A imagem da dôr alheia representa mais um motivo para a direcção dos actos voluntarios. Esse motivo toma logar entre os factores inconscientes da acção e exerce uma influencia proporcionada ao grau do desenvolvimento mental do individuo e da sua sensibilidade ás influencias do meio moral. Querer negar a influencia do exemplo e das noções precedentemente adquiridas sobre a determinação dos nossos actos seria querer negar *á priori* o que a experiencia quotidiana nos ensina, quer em relação ás creanças, quer em relação aos adultos, quer mesmo em relação aos loucos. Isto não quer dizer que a pena de morte deva ser applicada sómente pela utilidade do exemplo,—não! mas é um dos motivos para que, correspondendo aliaz a outras exigencias d'ordem superior, deva ser preferida á detenção perpetua, por isso que em certos casos e para certos individuos, o medo da pena de morte pode ser uma razão forte para desviar o delinquente de designios criminosos.

Sob o ponto de vista biologico, o delinquente, que o é por effeito d'uma constituição physi-

ca viciosa, representa, o mais das vezes, um producto da degeneração, ou então um principio perigoso de desvio do typo humano. Nos dois casos, a natureza, obrando no interesse da protecção da especie, procura elimina-lo promptamente ou impede-lhe que tenha uma longa descendencia. Trata-se aqui do delinquente nato ou instinctivo. Ora a sociedade, condemnando-o á morte, favorece, accelerando-a, a obra da natureza no fim d'obter a realisação do interesse social. As necessidades da vida civil e a influencia do meio ambiente tem alterado as condições naturaes da lucta pela existencia entre os membros da sociedade; ás forças da natureza foram substituidas as das convenções sociaes. Seria perigoso para a sociedade não se libertar, ao menos por approximação, dos elementos criminosos que a infestam.

Até ao presente, a pena de morte tem sido combatida por razões d'opporunidadade. Hoje falamos em nome de consequências scientificas e contestamos que a pena de morte scientificamente applicada represente um passo para traz no caminho da civilização. Todos os grandes principios sociaes e politicos tem alternativamente ganho e perdido terreno. A pena de morte, encarada como nós a encaramos, demonstra toda a vantagem que a civilização pode tirar dos principios da escola d'anthropologia criminal. [Applausos].»

O sr. Lioy, fazendo-se echo do orador que o precedeu, convida o congresso a votar a ordem do dia seguinte:

«O congresso
«Considerando que a evolução
«se produz por selecção e que a
«pena de morte representa precisa-
«mente a eliminatio do corpo
«social dos criminosos *communis*,
«não susceptiveis d'adaptação á
«vida social, declara que esta pena
«é consequente com os prin-
«cipios das sciencias naturaes e
«anthropologicas.»

Ninguém combate esta proposta, nem *ninguém* se levanta a combater a pena de morte defendida pela maioria dos congressistas. Entretanto o presidente lembra que sendo o congresso internacional, o voto dos membros estrangeiros approvando a proposta seria até certo ponto uma censura ao ministro italiano que estava propondo a reforma absurda do codigo, censura prohibida pelas leis e pelos principios de delicadeza e de hospitalidade. Alem d'isso fazia notar que as theses a debater no congresso tinham sido antecipadamente escolhidas e que entre ellas não estava a pena de morte. Em vista d'isso resolveu-se retirar a proposta. Ainda assim os congressistas Pavia, Marro, Lioy, Garofalo, Ferri, Lombroso, Benedikt, Lacassagne, Fioretti, Venturi, Albrecht, Ferro, Morello, Cavagnari, Romiti, Severi, Tenchini, Berenini e Mayer, quedem que a pena de morte seja discutida em outro dia, apesar de não fazer parte das theses do congresso.

Ahi tem auctoridades, sr. José Carvi, ahi tem sabios eminentes e publicistas illustres a defender á outrance a pena de morte! Ahi tem a *erudição dos sabios* e as *conclusões definitivas da sciencia!* Ahi tem como se cobriu de ridiculo com uma petulancia sem nome. Chamou aos outros ignorantes atrevidos e, no fim, quem ficou verdadeiramente ignorante, verdadeiramente atrevido e verdadeiramente ridiculo foi o sr. Se são essas as *ideias claras* que possui sobre todas as reformas que pede na sociedade portugueza, pode limpar a mão á parede, que fica servido de *immortalidade e gloria*.

Isto vae longo. Mas já agarda de ser completa a sova nos barbeiros e nos *comistas* da nossa politica.

Continuaremos.

A questão Ferreira d'Almeida teria sido a queda do governo progressista, se não fora a impericia ou o suborno da opposição, impericia ou suborno que o salvou. Agora foi o mesmo sr. Ferreira d'Almeida que se encarregou, senão de *rehabilitar* o sr. Henrique de Macedo, pelo menos de lhe melhorar consideravelmente a triste situação em que ficara.

Depois das scenas da camara dos deputados e da conducta do governo, o sr. Henrique de Macedo ficou inhabilitado para pedir ao sr. Ferreira d'Almeida um desforço pessoal. Ou tinha que lh'o pedir logo, immediatamente á offensa, primeiro que qualquer outra forma de processo, como fez o tenente coronel Bivar, ou deixando correr a perseguição do governo, não havia mais logar para elle. Ora o sr. Henrique de Macedo não sómente se associou á perseguição do governo, como assignou elle proprio a ordem de prisão contra o deputado que o esbofeteara. Quer dizer, preferiu o desforço da sociedade, o desforço da justiça, ao desforço individual, por isso que se aquelle podia e devia proceder como satisfacção á lei, o sr. Henrique de Macedo é que não podia nem devia ser parte em dois processos. E' contra todos os principios, contra todas as praxes, contra todos os usos de cavalheirismo. Preso o sr. Ferreira d'Almeida, e preso á ordem do sr. Henrique de Macedo, julgado e condemnado, o ex-ministro da marinha, sem faltar ao decoro que o homem menos brioso se deve, não tinha mais nada que reclamar d'aquelle deputado.

Era n'este ponto que o sr. Ferreira d'Almeida devia collocar a questão e nunca sahir d'ahi. O sr. Henrique de Macedo enviava-lhe duas testemunhas? O sr. Ferreira d'Almeida despedia-as sem lhe dar a menor satisfacção e fulminava n'uma carta aos jornaes o ex-ministro da marinha pela sua conducta indigna. Não se batia e não haveria um homem digno que o accusasse de medo ou covardia, porque dignamente não podia fazer outra cousa. Bater-se com o sr. Henrique de Macedo era descer, era levantar o ministro que depois d'esbofetado o mandara metter na prisão, era sancionar de certa forma toda a conducta miseravel do governo, era, emfim, aviltar-se a si proprio. Não disseira o sr. Ferreira d'Almeida ao sr. Henrique de Macedo que lhe viesse as suas testemunhas? Que lhe respondeu o sr. Henrique de Macedo? Um insulto ou uma insolencia, a que o sr. Ferreira d'Almeida replicou com uma bofetada. E o sr. Henrique de Macedo, em logar de lhe enviar então as testemunhas, embora o governo procedesse depois como quizesse, mandou prender, julgar e condemnar o esbofeteador. Terminaram ahi todas as formas de duello. Depois d'isso não havia logar para elle em caso nenhum. E o sr. Henrique de Macedo, propondo-o, mais compromettia a sua situação.

Não o entendeu assim o sr. Ferreira d'Almeida e então, não só acceitou em principio o duello, o que já foi levantar o ministro cahido, como propoz uma condição absurda, tola, ridicula, que, regeitada, e muito bem, pelas testemunhas do sr. Henrique de Macedo, foi dar a este entrada no gremio da gente de bem e proporcionar-lhe as sympathias e a consideração que perdera.

A proposta do sr. Ferreira d'Almeida, sobre a sua demissão, é verdadeiramente lamentavel. Franqueza, franqueza, só propõe isso quem se não quer bater, porque nenhum adversario acceitaria tal proposta. Egualeza de condições! Lá estavam, porque é o codigo civil e não o codigo militar que as regula. E' certo que os militares soffrem mais, porque soffrem na sua promoção. Mas isso são as contingencias da vi-

NOTICIARIO

O «Povo de Aveiro» vende-se em Lisboa, na rua do Arsenal, n.º 96.

Por absoluta falta d'espaco retiramos o nosso folhetim e um communicado da Quintã do Loureiro que temos em nosso poder.

Acha-se já entre nós, de regresso do estrangeiro, por onde andára em viagem de recreio, o nosso patricio sr. dr. Julio Pereira de Carvalho, membro do tribunal administrativo de Ponta Delgada.

Ha perto de dois mezes que aqui publicamos um requerimento dirigido á camara municipal d'esta cidade, em que os proprietarios dos terrenos aforados no largo dos Santos Martyres pediam á mesma para mandar proceder sem demora ao aterramento d'aquelle largo, fundamentando a sua petição em motivos de todo o ponto justos.

Em sessão da camara foi por esta deferido o requerimento, dizendo por essa occasião o sr. presidente que havia no orçamento a verba de 250\$000 réis destinada para tal fim e que desde já se ia applicar nos aterramentos de maior necessidade.

Até hoje, porém, a camara nada fez, e os peticionarios do requerimento queixam-se, e com justos motivos, d'este procedimento da camara, que razão alguma justifica.

Como se sabe, no largo dos Santos Martyres acham-se já construidas grande quantidade de casas, muitas das quaes já estão habitadas. No inverno, as aguas pluvias formam alli grandes poças e algumas vezes tambem succede a agua da ria invadir o largo, cobrindo-o quasi todo. A vista d'isto é facil calcular os prejuizos que podem vir a ter aquelles proprietarios, porque não só estão sujeitos a soffrer grandes danos nas suas construcções, como tambem a ter o desgosto de ver os moradores abandonar-lhes as casas.

E' por isso urgentissimo que a camara olhe a sério por isto e se convença de que nenhum dos individuos que alli tem o seu capital empregado se arriscaria a isso se não se lhes promettesse fazer aquillo que elles com toda a justiça estão reclamando.

O inverno está á porta e por conseguinte não ha tempo a perder. Urge, portanto, que a camara mande proceder ao aterramento do largo dos Santos Martyres, evitando assim que se dêem os prejuizos que ficam apontados.

Fazendo isto, cumpre apenas um dever e não faz favor a ninguém.

A's 7 horas e meia da manhã de hoje deverá ser entregue por uma commissão á phylharmonica *Aveirense* uma bandeira de seda mandada fazer expressamente para ser offerecida á mesma phylharmonica. Dizem-nos que a cerimonia tem lugar no largo de José Estevão.

A' tarde deverá tambem ser entregue á phylharmonica *Amisade*, no jardim publico, uma bandeira que alguns dos seus amigos mandaram bordar para lhe offerecer.

Por essa occasião aquella phylharmonica executará um escolhido repertorio n'aquelle local.

Baixou o preço da carne. Desde hontem que se vende a 160 réis o kilo no talho dos srs. Innocencio Esteves & C.ª E' provavel que os outros talhos adoptem o mesmo preço.

A acreditada empresa Belem & C.ª, de Lisboa, va publicar uma nova edição do excellente romance *As doidas em Paris*, do

fecundo escriptor Xavier de Montepin.

E' de crêr que esta edição tenha o mesmo successo da primeira, que foi exgotada dentro de pouco tempo.

Chamamos a attenção para o respectivo annuncio.

O facto é asqueroso, mas tristemente verdadeiro, diz uma folha da capital, e demonstra a degradação moral a que, muitas vezes, inspiradas por sentimentos menos nobres, baixam certas creaturas.

Felizmente a especie não abunda e os nossos tribunales rarissimas vezes tem de occupar-se de crimes tão hediondos.

Um logista do largo da Paschoa tomou ha cerca de cinco mezes para o seu serviço uma rapariguinha de 13 annos, magra, franzina e muito debil.

A mãe costumava ir ameadadas vezes ao estabelecimento a pretexto de visitar a filha, mas esta evitava sempre que podia apparecer-lhe, chegando até o patrão a estranhar-lhe o seu procedimento. A pobre creança soffria com resignação estas censuras, até que em um dos dias da semana passada dirigiu-se ao patrão lavada em lagrimas dizendo-lhe que era uma desgraçada e para que a sua infelicidade se não completasse a livrasse quanto possivel de sua mãe. O logista cada vez mais estupefacto procurou indagar o que havia de extraordinario em tudo isto e obteve a seguinte resposta:

—Minha mãe não deixa de me perseguir em todas as casas em que estou, aconselhando-me a que roube os meus patrões. Ainda hontem me mandou por meu padrao este cinto para eu trazer occulto debaixo do tato e n'el-le guardar o dinheiro que furtasse. Mas eu não quero proceder assim, porque tenho medo.

E suffocada pelo choro entregou ao patrão o cinto que tinha recebido das mãos do homem, que na ausencia de seu pae a devia encaminhar na vereda da honra e do dever.

Tudo isto é horrivel e repugnante. A policia tomou conta do caso e no domingo prendeu essa mulher, que por ironia tem direito ao nome de mãe, conduzindo-a para a esquadra, onde se passou uma scena dolorosissima entre a filha, que quer manter o seu credito immaculado, e a mãe, que não poude resistir á logica dos factos, confessando-se auctora da grave accusação que lhe faziam.

As provas eram irrecusaveis e o sr. commissario viu-se na necessidade de enviar para o tribunal a mulher accusada d'um crime tão grave e o seu cumplice, que tinha em seu poder alguns objectos subtrahidos em uma casa a S. Paulo onde esteve servindo.

Estão em Aveiro, já ha dias, dois paysagistas amadores inglezes, que andam a tirar vistas dos sitios mais pittorescos d'esta cidade e suas visinhanças.

Foi attendida a queixa que aqui fizemos n'um dos ultimos numeros, a proposito das portas d'uma casa em construcção no bairro dos Santos Martyres, pois que se lhes deu já a competente altura.

E' provavel que se não fosse o nosso reparo a coisa passasse como estava, e talvez houvesse depois quem seguisse o exemplo. A questão era principiar...

Na quarta-feira á noute houve uma lucta entre dois valentões, no largo do Còjo, os quaes se soccaram valentemente durante algum tempo. Um d'elles, o *Carroço*, talvez porque já lhe faltassem as forças para se bater, agarrou n'uma pedra—uma arma terrivel—e partiu a cabeça ao seu adversario, conhecido por a alcunha de *Cailão*. Este, quando se viu ferido, gritou por soccor-

ro, e a policia lá levou os dois endiabrados homens para a esquadra.

No dia 10 do corrente casou civilmente na administração do concelho de Alemquer o sr. José Garcez Barreto, com a ex.ª sr.ª D. Aniceta Fernandes de Almeida.

A este respeito conta o nosso collega do *Damião de Goes* o seguinte episodio engraçado:

O priorsinho dos Cadafaes, não se sabe porque estranha coincidência, appareceu na administração justamente quando se celebrava o acto.

D'ahi a pouco, atacado de *epilepsia larvada*, começou a vociferar contra o casamento civil, levantando grande celeuma. Disse o que quiz, ouviu o que não quiz; houve um gracioso que lhe falou em *peruas*, em vista do que, o bom do padresinho teve que bater em retirada, satisfeito de ter subido um fuo no conceito dos reaccionarios seus superiores.

Larguezia!...

Para o proximo dia 30 de setembro prepara-se em Roma uma imponente manifestação que terá por objecto protestar contra toda e qualquer ideia de conciliação entre a Italia e a Santa Sé.

Para esse fim constituiu-se um *comité*, composto de homens importantes do partido democratico, e que receberam grande numero de adhesões de todas as provincias italianas.

Na administração do concelho de Torres Vedras foi ha dias registrado o nascimento de uma filhinha do sr. Joaquim Jeronymo Rosa, d'aquelle localidade.

O enterramento das victimas da medonha catastrophe no theatro de Exeter foi um espectáculo commoventissimo.

Os cadaveres cuja identidade pôde ser reconhecida, foram entregues ás familias, que se encarregaram de lhes mandar fazer os enterros.

Os membros e os troncos calcinados, com os quaes era impossivel reconstituir um nome ou um estado civil, seguiram para o cemiterio, em dez carros funerarios.

Milhares de pessoas desoladas acompanharam esses restos informes, que foram lançados na mesma cova.

O *Daily News* conta que, quando eram lidas as orações funebres sobre os caixões já mettidos nas vallas respectivas, o sacerdote encarregado d'essa missão chamou um policia que estava presente e, agarrando-se-lhe ao cinto, pediu-lhe para que não se retirasse, porque não podia passar sem elle. Os espectadores, surpreendidos com aquelle procedimento, conheceram que o sacerdote não estava no seu estado normal, quando elle começou a leitura do ripanso. Em vez do officio dos mortos, poz-se a ler o officio de casamento. Estava completamente embriagado.

A indignação dos espectadores d'este revoltante espectáculo não teve limites. Foi necessario que a policia, levasse a toda a pressa o indigno ecclesiastico. Metteram-n'o n'uma capella, onde o povo queria entrar á força, para o castigar. Felizmente mandou-se buscar um *cab*, metteram dentro o repellente borrachão, e assim o livraram do furor justificado do povo. Ainda assim, foi acompanhado por uma boa escolta de policia.

Tambem o reverendo John Ingle se recusou a resposar sobre a cova d'uma das victimas, sob o pretexto de que o cadaver era o d'um indigente. A multidão que enchia o cemiterio protestou ruidosamente. O padre a final lá se foi resignando, mas tão contra vontade, que as testemunhas de essa scena ameaçaram-no com o espancamento, no meio d'um tumulto indiscriptivel.

Foi preciso a policia mettel-o tambem n'uma capella e dar-lhe escapula por uma porta escusa, quando não, ninguém o salvaria da colera popular.

A desobstrução das ruinas do theatro e as excavações provocaram tristes descobertos.

No angulo d'uma escada, defronte da casinha do porteiro, foi encontrado o corpo de uma mulher, que se desfez em cinzas, apenas lhe tocaram. Estava de pé e com o braço estendido, na posição d'uma pessoa que faz signal a alguem para esperar ou para a vir buscar. E foi n'esta attitude que ella foi queimada e assim ficou até ao dia seguinte ao da catastrophe.

N'um outro sitio foi encontrado um busto sem cabeça, negro pelas chammes e pelo fumo. Agarrado á carne estava a metade d'um collete e nas algibeiras um relógio.

A catastrophe deu causa a muitas miserias. Nas chammes morreram um pintor e sua esposa, deixando ao desamparo, sem meios alguns de subsistencia, onze filhos.

Uma mulher, que conseguiu salvar-se, morrendo-lhe o marido na medonha fogueira, endoideceu e sete filhos que esses desgraçados tinham luctam com a maior miseria.

Um pobre soldado da guarnição de Cork recebeu um telegramma noticiando-lhe que tinham morrido no incendio seu pae, mãe, dous irmãos e uma irmã. O desespero d'esse desgraçado causava medo.

Parece já averiguado que não foi inferior a 200 o numero das victimas do terrivel incendio.

São muitas as subscrições abertas para soccorrer as victimas e em muitas cidades inglezas organisam-se espectaculos cuja receita é destinada ao fundo da mesma subscrição.

Perante as camaras municipales abaixo mencionadas achase aberto concurso para provimento das seguintes cadeiras primarias:

Felgueiras—Elementares do sexo masculino nas freguezias de Airães, Friande, Jogueiros, Madeira, Sandim e Unhão; ordenado 100\$000 réis e as gratificações legais, e, sendo providas interinamente, 80\$000 réis e as mesmas gratificações.

Fornos de Algodres—Elementar do sexo masculino na freguezia da Matança; ordenado 100\$000 réis.

Reguengos—Complementares dos dois sexos na séde do concelho e elemental do sexo masculino na freguezia de S. Marcos do Campo; ordenado de cada uma das duas primeiras 180\$000 e da ultima 120\$000 réis.

DESPEDIDA

SIMÃO MONTEIRO DE CARVALHO & C.ª, tendo retirado para a praia de Espinho, onde foram abrir a filial da sua casa de modas, na fórma dos annos anteriores, despedem-se dos seus numerosos clientes e amigos, offerecendo-lhes os seus serviços n'aquelle praia, onde se conservarão por toda a epocha balnear.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Simão Monteiro de Carvalho & C.ª

BIBLIOGRAPHIA

A Martyr.—E' um interessante romance editado pela empresa dos Serões Romanticos. Recebemos o fasciculo 36. Assigna-se em Lisboa na rua da Cruz de Pau, 26.

O Camões. — Acabamos de receber do Porto o n.º 11 d'este semanario, que continúa a merecer as sympathias que tem ganhado. O primeiro artigo é do distincto poeta E. A. Vidal. No resto vem interessante, como sempre.
A assignatura para a provincia é apenas de 300 réis.

A Illustração Portugueza. — Recebemos o n.º 9 do quarto anno d'esta revista litteraria e artistica, que continúa a ter a melhor acceitação da parte do publico.
Assigna-se na Travessa da Queimada, n.º 35, 1.º andar—Lisboa.

O Mundo Elegante. — Publicou-se o n.º 37 d'este magnifico jornal de modas, o unico que em lingua portugueza se publica semanalmente em Paris, sendo d'alli expedido directamente a todos os seus assignantes.

Historia de Victor Hugo. — Sahiu o 22.º fasciculo d'esta obra, de Cristobal Letran, e traduzida por Teixeira Bastos.

GUIA DO NATURALISTA
COLLECCIONADOR, CONSERVADOR E PREPARADOR
POR
EDUARDO SEQUEIRA
Com 73 gravuras e 7 planchas de especimens vegetaes
Um volume brochado, 600 réis. Pelo correio franco de porte a quem enviar a sua importancia em estampilhas.
A' livraria—CRUZ COUTINHO—Rua dos Galdeiros, 18 e 20.—Porto.

A MARTYR
POR
EMILE RICHEBOURG
Edição Illustrada com magnificas gravuras francezas e com excellentes chromos.
VERSÃO DE
JULIO DE MAGALHÃES
40 RÉIS CADA FOLHA, GRAVURA OU CHROMO. — 50 réis cada semana. — DOIS BRINDES A CADA ASSIGNANTE.
A' sorte pela loteria — 100\$000 réis em 3 premios para o que receberão os srs. assignantes em tempo opportuno uma cautella com 5 numeros.
No fim da obra — Um bonito album com dois grandiosos panoramas de Lisboa, sendo um, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e outro é tirado de S. Pedro d'Alcantara, que abrange a distancia desde a Penitenciaria e Avenida até á margem sul do Tejo.
Assigna-se no escriptorio da empresa editora Belem & C.ª, rua da Cruz de Pau, 26, 4.º—Lisboa.

NOITES ROMANTICAS
EMPRESA EDITORA
F. N. Collares.
HISTORIA DE VICTOR HUGO
80 reis cada fasciculo de 32 paginas, ou 24 o uma estampa.
Assigna-se em Aveiro, na rua dos Mercadores, 19.

O MUNDO ELEGANTE
Mensageiro semanal illustrado de modas, elegancia e bom tom
Redacção litteraria
Directora — Guiomar Torreção
Secção de modas
Redactora, Blanche de Mirebourg

O preço do **MUNDO ELEGANTE** é baratissimo, como se póde ver da seguinte tabella:
1.ª edição: Anno ou 52 numeros..... 3\$200
2.ª edição..... 4\$000
3.ª edição..... 4\$800
Publica-se todas as semanas contendo oito paginas de texto e figurinos, e é expedido directamente de Paris pelo correio a todos os assignantes.
Assigna-se em todas as livrarias; e em Paris trata-se com o sr. Antonio de Souza, 44, rue du Rocher.

ANNUNCIOS

JOÃO AUGUSTO DE SOUSA
COM
OFFICINA DE SERRALHERIA
EM
— AVEIRO —

FORNECE ferragens, dobradiças, fechos, fechaduras de todos os systemas, parafusos de toda a qualidade, ferragens estrangeiras, cammas de ferro, fogões, chumbo em barra, prego d'arame, etc.

A QUEM CONVIER
ARRENDAR-SE uma quinta de 16 alqueires de sementeira, pouco mais ou menos, e casa de habitação, em S. Thiago. A tratar com Maria dos Santos Moreira, em Aveiro.
Casa na Barra para alugar
MANUEL MARIA CALÇÃO tem uma para arrendar durante o mez de outubro. Quem a pretender póde dirigir-se ao mesmo, que habita n'aquelle local.

Vinho Nutritivo de Carne
Privilegiado, auctorisado pelo governo, e approvedo pela junta consultiva de saude publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene da corte do Rio de Janeiro

É o melhor tonico nutritivo que se conhece: é muito digestivo, fortificante e reconstituinte. Sob a sua influencia desenvolve-se rapidamente o appetite, enriquece-se o sangue, fortalecem-se os musculos, e voltam as forças.
Emprega-se com o mais feliz exito nos estomagos ainda os mais debéis, para combater as digestões tardias e laboriosas, a dispepsia, cardialgia, gastro-dynia, gastralgia, anemia ou insecção dos orgãos, rachitismo, consumpção de carnes, affecções escrophulosas, e em geral na convalescença de todas as doencas aonde é preciso levantar as forças.
Toma-se tres vezes ao dia, no acto de cada comida, ou em caldo quando o doente não se possa alimentar.
Para as creanças ou pessoas muito debéis, uma colher das de sopa de cada vez; e para os adultos, duas ou tres colheres tambem de cada vez.
Esta dóse, com quaesquer bolachinhas, é um excellent « lunch » para as pessoas fracas ou convalescentes; prepara o estomago para aceitar bem a alimentação do jantar, e concludo elle, toma-se igual porção ao « toast », para facilitar completamente a digestão.
Para evitar a contrafacção, os envlucros das das garrafas devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de de junho de 1883.
Acha-se á venda nas principaes farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco—Filhos, em Belem.
Deposito em Aveiro na farmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a debilidade
FARINHA PEITORAL FERRUGINOSA DA PHARMACIA FRANCO, unica legalmente auctorisada e privilegiada. É um tonico reconstituinte e um precioso elemento reparador, muito agradável e de facil digestão. Aproveita do modo mais extraordinario nos padecimentos do peito, falta de appetite, em convalescentes de quaesquer doencas, na alimentação das mulheres gravidas e amas de leite, pessoas idosas, creanças, anemicos, e em geral nos debilitados, qualquer que seja a causa da debilidade. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco—Filhos, em Belem. Pacote 200 réis, pelo correio 220 réis. Os pacotes devem conter o retracto do auctor e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.
DEPOSITO em Aveiro, farmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Contra a tosse
XAROPE PEITORAL DE JAMES, unico legalmente auctorisado pelo Conselho de Saude Publica de Portugal, e pela Inspectoria Geral de Hygiene, da corte do Rio de Janeiro, ensaiado e approvedo nos hospitaes. Acha-se á venda em todas as farmacias de Portugal e do estrangeiro. Deposito geral na farmacia Franco—Filhos, em Belem. Os frascos devem conter o retracto e firma do auctor, e o nome em pequenos circulos amarellos, marca que está depositada em conformidade da lei de 4 de junho de 1883.
Deposito em Aveiro na farmacia e drogeria medicinal de João Bernardo Ribeiro Junior.

Agencia Economica, Maritima e Commercial
Passagens nos vapores de todas as Companhias da carreira do Brazil (por preços baratos, sem competencia).
Preços em 3.ª classe para Pernambuco, Bahia, Rio de Janeiro e Santos, incluindo passagem no caminho de ferro e condução para bordo a

28:000 RÉIS
Para o Pará e Manaus sahirá de Lisboa o paquete MANAUENSE, em 14 de setembro.
Para o Pará sahirá o paquete LANFRANC, em 26 de agosto.
Para a provincia de S. Paulo dão-se passagens gratis.
Para informações e contrato de passagens, em Aveiro, rua dos Mercadores, 19 a 23.
Manuel José Soares dos Reis

Na rua dos Mercadores, n.º 19 a 23, em Aveiro, faz e guarda-soes de todas as qualidades, concertam-se e cobrem-se com sedas nacionaes e outras fazendas.
Trabalhos perfectos e preços barattissimos.

ANGELO DA ROSA LIMA
COM
OFFICINA E DEPOSITO DE MOVEIS
Aveiro, Rua dos Mercadores, n.º 42, 44, 46, 50 e 52

TEM grande sortido de moveis, taes como: commodas, meias commodas, cadeiras de diferentes feitios, mezas de gostos diferentes, camas, lavatorios, toucadores, caixas de cabeceira, cabides etc., etc.
Tem tambem espelhos de crystal em diferentes tamanhos, assim como galerias, epatères e grande sortido de molduras de diferentes larguras em dourado e preto, o que tudo vende por um preço convidativo e sem competitor n'esta cidade.

PUBLICAÇÕES

EDITORES — **BELEM & C.**

Lisboa, 26, Rua do Marechal Saldanha, 26, Lisboa

AS DOIDAS EM PARIZ

POR

XAVIER DE MONTÉPIN

VERSÃO DE **JULIO DE MAGALHÃES**

TENDO-SE esgotado a primeira edição d'este romance, um dos melhores de XAVIER DE MONTÉPIN, a empresa, attendendo a que deixou de satisfazer algumas requisições e tambem para annuir aos desejos de muitos dos seus assignantes modernos, resolveu publicar uma nova edição, correcta e augmentada com magnificas gravuras, que comprou ao editor do romance original.

CADA SEMANA UMA ESTAMPA

Brinde a todos os assignantes

Um album com as principaes vistas das cidades e villas do pittoresco MINHO

Recebem-se já assignaturas no escriptorio da empresa

Edição monumental

HISTORIA

DA

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

Illustrada com os retratos dos patriotas mais illustres d'aquella epocha

4 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 16 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho de alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes.

Já está concludo o primeiro volume.

As capas para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A capa em separado custa 500 réis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra aos fasciculos, continúa aberta a assignatura.

LOPES & C.ª successores de **CLAVEL & C.ª**

EDITORES

119, RUA DO ALMADA, 123 — PORTO

CAMILLO CASTERLO BRANCO

ANGELINA VIDAL

AGOSTINHO DE CEUTA

A PROVOCACÃO

CARTA AO REI

DRAMA HISTORICO EM 4 ACTOS

3.ª edição emendada

A proposito do conflicto parlamentar entre o ex-ministro da marinha e o deputado Ferreira d'Almeida. — Preço 60 réis.

VENDE-SE na Livraria Cruz Coutinho, editora, — rua dos Caldeiros — PORTO.

BIBLIOTHECA DA MOCIDADE. — Director, — Francisco Silva, — Travessa da E.ª, n.º 33 — Lisboa.

Preço, 210 réis